

# Taguatinga e Ceilândia sem pessoal

Marcelo Abreu

Da equipe do Correio

A imagem se repete. Corredor lotado, caras desesperadas, gente revoltada por que não conseguiu ser atendida, dor e choro. Muito Choro. Ontem à tarde, no Hospital Regional de Taguatinga (HRG), a briga não era por falta de equipamento ou aparelho quebrado, mas porque não havia médicos suficientes para atender a população.

A dona de casa Janete Nunes, 26 anos, estava transfigurada de dor. Em 1993, ela fez uma cirurgia de vesícula e agora, passados três anos, voltou a sentir fortes dores no abdômen. Eram 13h quando Janete chegou à emergência do HRG acompanhada com o marido, Marcos Nunes, 41 anos. Arrastan-

do-se, o marido a deixou sentada num banco e foi tentar marcar a consulta.

## VERGONHA

“Um auxiliar me disse que esperasse porque havia mais de 60 pessoas na frente. Isso é uma vergonha, na hora que você mais precisa não tem como ser atendido”, indignou-se. Janete chorava e se contorcia no banco. “Ela desmaiou hoje duas vezes.” O funcionário do serviço de orientação ao usuário Anivaldo Almeida, sensibilizado com o drama do casal, encaminhou Janete para um clínico.

“Estamos com deficiência de profissionais na clínica médica, cardiologia e anestesia. Mesmo assim, atendemos diariamente cerca de mil pessoas”, garante o chefe da

emergência, Otávio Augusto de Souza. “E desse total, 80% não são de atendimento caracterizado como emergência. Poderia ser feito nos centros de saúde, que também estão com carência de pessoal.”

No Hospital Regional de Ceilândia (HRC) existem 35 médicos clínicos. Para um atendimento razoável, seria necessário pelo menos o dobro. O quadro de funcionários do hospital é o mesmo desde 1983, quando a cidade possuía apenas 100 mil habitantes — hoje tem mais de 450 mil. Ontem, na fila da emergência, as reclamações eram maiores que os males físicos das pessoas. “O trabalho que fazemos aqui vai além da nossa capacidade”, admite, impotente, a chefe da enfermagem, Soneide Nunes de Oliveira.